



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de filosofia

Teratofobia na Lógica dos Demonstrativos de David Kaplan e o seu remédio

Guilherme da Silva
Brasília/ DF
2022

Agradecimentos

Agradeço imensamente a toda a minha família, que, apesar de todas as dificuldades que uma família de periferia tem, pôde dar todas as condições de que eu precisava para decidir seguir com minha pesquisa;

Ao meu orientador Hilan Bensusan que desde o verão de 2020 me deu a oportunidade de fazer uma pesquisa inesquecível – mudamos o nome algumas vezes: *Indexical Propositions*, *Indexical Metaphysics* e, enfim, *How Monsters Demonstrate* –, confiou em meu potencial e deu as condições para que eu encontrasse um tema que atravessasse grande parte dos meus interesses dentro da academia; e por todas as disciplinas ministradas durante a pandemia, que me ajudaram tanto academicamente, quanto psicologicamente;

Com relação ao suporte psicológico, agradeço ao Coletivo Teatral Cosmos: grupo de Whatsapp com Leonardo, Jéssica e Ramon. Obrigado por todas as conversas. Para além do suporte emocional, agradeço por todas as conversas e pela amizade tão orgânica, surgida através de doses inseguras de *xamanismo*, *perspectivismo* e *heideggerianismo*;

A uma das pessoas mais queridas de toda a minha vida: Lara Radis; que por muito tempo me acompanhou e continua me apoiando – te amo;

Ao meu querido amigo Douglas, não sei o que seria de mim se não fossem as nossas conversas sobre materialismo e espiritualismo; foi essa uma das coisas que mais me deram forças para continuar escrevendo;

A todos os amigos não citados: não se sintam menos importantes, vocês todos são muito incríveis;

Amo todos vocês! Muito obrigado!

Resumo

Palavras como “eu”, “ele”, “aqui”, “agora” fixam referências diferentes conforme mudam os contextos em que são ditos; termos como “este”, “aquela”, “aquilo” funcionam de forma parecida, com o acréscimo de que precisam de um ato como um apontar para que fixe a referência, isto é, precisam do ato da demonstração. Tais termos são chamados por David Kaplan de *indéxicos puros* [os primeiros] e *demonstrativos verdadeiros* [os segundos], ou simplesmente *indexicais*. Poucos são os autores que conseguiram desviar desses termos para explicar como a linguagem funciona; e estes que conseguiram, têm, certamente, uma explicação incompleta. Kaplan oferece, para explicar como esses termos funcionam [o maquinário dos *indexicais*], uma lógica complexa e que se mostra muito competente. Pesquisas recentes vêm contestando alguns aspectos da lógica dos demonstrativos desenvolvida por Kaplan, especialmente em sua forma de lidar com aquilo que ele próprio chama de *monstros* na linguagem natural. Neste trabalho falaremos como funcionam os *monstros* e faremos uma defesa destes ao introduzir uma entidade semântica e ontológica que chamamos de *endereços*.

Palavras-chave: Monstros. Referência direta. Indexicais.

Abstract

Words like "I", "he", "here", "now" fix different referents as the contexts in which they are said change; terms like "this", "that", "that" function similarly, with the addition that they need an act like pointing for the reference to be fixed, that is, they need the act of demonstration. Such terms are called by David Kaplan pure indexicals [the former] and true demonstratives [the latter], or simply indexicals. Few authors have managed to deviate from these terms to explain how language works; and those who have, certainly have an incomplete explanation. Kaplan offers, to explain how these terms work [the machinery of indexicals], a complex logic that proves very competent. Recent research has challenged some aspects of Kaplan's logic of demonstratives, especially in its handling of what he himself calls monsters in natural language. In this paper we will discuss how monsters work and make a defense of them by introducing a semantic and ontological entity that we call addresses.

Key-words: Monsters. Direct reference. Indexicals.

*As pessoas da pessoa são múltiplas na
pessoa.*

Amadou Hampâte Bâ

Sumário

Introdução e disposição do trabalho	
1. Referência em Filosofia da Linguagem.....	7
1.1. “Contato linguístico sem contato cognitivo”	10
2. Indexicais e demonstrativos verdadeiros.....	12
2.1. Conteúdo e caráter	14
2.1.1. Ainda sobre <i>caráter</i> e <i>conteúdo</i>.....	17
2.2. Monstros e o diagnóstico de Teratofobia.....	18
2.2.1. A comunidade dos monstros.....	19
3. Endereços.....	21
4. Conclusão (ou Monstros demonstram).....	26
5. Possíveis desdobramentos.....	31
5.1. Proposições indexicais.....	31
5.2. Perspectivismo e multinaturalismo.....	34
Referências.....	37

Introdução e disposição do trabalho

Neste trabalho, faremos uma sessão sobre a teoria da referência direta para que possamos introduzir o tema dos *indexicais puros e demonstrativos verdadeiros* com algum pano de fundo. O nosso objetivo é apresentar a noção de *endereços* para lidar com aquilo que David Kaplan chama de *monstros* em sua *Lógica dos Demonstrativos (LD)*, presente no artigo *Demonstratives* (1989). A afirmação principal do trabalho é que com *endereços*, ao invés de *Caráter*, os *monstros* da *LD* podem ser tratados como dispositivos de fixação de referência. A distinção entre *contato linguístico* e *contato cognitivo* de Howard Wettstein, presente na obra *The Magic Prism* (2004) é importantíssima para a formulação dos *endereços*, uma vez que, para fixar referência, não importa o que ocupa o *endereço* para, mas sim o apontamento (ato de apontar) – que é o ato linguístico – para o próprio.

O trabalho está dividido em seções. Os números indicam os temas, visto que alguns temas precisam de subtemas, dividimos cada seção em algumas subseções. O preâmbulo falará da questão que cerca todo o trabalho, dando alguma contextualização. As seções seguintes serão a elaboração de nossa tese. Após a conclusão, teremos algumas subseções, cada uma dessas subseções aborda de forma rápida uma possível abertura ou consequência advinda do tema principal.

1. Referência em Filosofia da Linguagem

Parte importante da filosofia da linguagem é entender como uma frase proferida tem conexão com a realidade. Como, em outras palavras, uma frase seleciona uma única ou várias partes do mundo. Para Gottlob Frege, os *Sentidos (Sinne)*, que estão em um terceiro reino, fora da cabeça do ser humano – o que confere a eles objetividade –, fixam uma condição a ser satisfeita pelo objeto para que este seja referente de um nome, assim é que se poderia *apontar* para as coisas a partir de palavras. Os sentidos das palavras em uma frase expressam uma representação de algum objeto no mundo. “ A conexão entre as palavras e as coisas é derivada da conexão conceitual entre as representações conceituais e as coisas que estas representam”.¹ O pensamento possui, portanto, uma independência em relação à

¹ WETTSTEIN, H. 2004, p. 65. “The connection between words and things is thus derivative from the connection between the conceptual representations and the things they represent”. (Tradução nossa).

linguagem. Falar sobre algo requer, antes de mais nada, formular um conceito acerca do que se pretende falar. Uma proposição formulada dessa maneira é o que se chama de proposição *de dictum*. A referência que um nome faz a um objeto é, portanto, mediada pelo modo de apresentação deste, que pode ser uma descrição definida. Frege e Russell são os principais expoentes da teoria da referência descritivista [apesar de ter sido Russell a introduzir as proposições singulares na literatura de filosofia da linguagem].²

A relação entre o Sentido e o signo linguístico é determinada pelas crenças da pessoa que está falando, enquanto a relação entre o Sentido e o Significado – ou a referência – é contingente. Se o referente é, de fato, da forma como as crenças o definem, então ele é fixado. Se não, então não há referente para o nome.³

A *teoria da referência direta*, como comenta Wettstein, é uma revolução na filosofia da linguagem frente ao modelo Frege-Russell (descritivista). Seguindo os moldes de uma revolução intelectual, como Thomas Kuhn caracteriza uma revolução, a teoria da referência direta acusa as dificuldades que a teoria tradicional descritivista tem para resolver alguns problemas. Essas dificuldades, diz Wettstein, não são apenas problemas técnicos da teoria, que requerem apenas algum aperfeiçoamento aqui e ali. São dificuldades que revelam “inadequações fundamentais”⁴ e trazem à luz a necessidade de uma nova teoria, com novos fundamentos.

Algumas das muitas formas de entender o que é fazer referência na filosofia da linguagem são: individuar coisas; *captar* uma única coisa em um espaço ontológico e falar sobre ela; distinguir uma única coisa de todas as outras no mundo que podem ou não ser parecidas. Descritivistas fazem isso qualitativamente, isto é, providenciando uma descrição do que aquela coisa é, que a difere de qualquer outra coisa no mundo. O *conteúdo proposicional*⁵ é, portanto, para essa teoria, a forma como o objeto se apresenta para o falante.

Há alguns problemas que Wettstein aponta como sendo as principais questões levantadas pela teoria da referência direta que contribuíram para a revolução ser necessária. 1) é certo que as pessoas podem falar sobre diversas coisas sem ter qualquer tipo de descrição ou conceito sobre elas. Pode-se falar sobre Sócrates sem

² KRIPKE, S. 1980.

³ KAPLAN, D. 1989.

⁴ WETTSTEIN, H. 2004, p. 67.

⁵ O conteúdo da proposição expressa pela frase.

que se tenha qualquer tipo de crença sobre ele, além da crença comum “Sócrates foi um filósofo grego”. Ora, “Sócrates foi um filósofo grego” é, de fato, uma crença. Porém, pensemos, existem e existiram, ao longo da história da filosofia, muitos filósofos gregos. Sendo assim, com esta única crença, a referência de “Sócrates” poderia ser qualquer um desses filósofos. No entanto, é possível individuá-lo – o Sócrates que conhecemos – mesmo que só com essa crença. A teoria descritivista certamente falha em resolver essa questão. Há alguma coisa que fixa a referência de um nome próprio a um objeto, individuando-o. Bem, é o nome ele mesmo. O nome não precisa de nenhum mediador para fixar um objeto no mundo. A referência pode ser feita de maneira direta, sem ajuda de qualquer artifício semântico, se a teoria trata os nomes como os próprios individuadores, ‘tags’⁶, ou *designadores rígidos*.⁷

2) É também comum, no cotidiano, as pessoas falarem sobre um objeto enquanto atribuem a ele uma descrição definida que este não satisfaz. É o caso de uma pessoa que tem a crença de que Aristóteles foi o professor de Platão. Aristóteles não foi o professor de Platão, porque esse foi Sócrates. Entretanto, a pessoa não sabe disso e diz, em uma conversa, a frase “Aristóteles foi o filósofo que deu aula a Platão”. O interlocutor da conversa, se for competente com o nome ‘Aristóteles’ vai corrigir a pessoa e a crença que ela atribui ao nome certamente mudará. Todavia, é possível observar que se os nomes próprios forem tratados da maneira descritivista, uma aberração lógica aparece: falsidades tornam-se verdades triviais. Veja, a descrição definida atribuída pela pessoa em questão a ‘Aristóteles’ é ‘o filósofo que ensinou Platão’. ‘Aristóteles’ é uma mera abreviação da descrição. Não é absurdo, nesse sentido, pensar que se pode trocar, na frase, o nome pela descrição, deixando-a assim: “O filósofo que ensinou Platão foi o filósofo que ensinou Platão”. É trivial que o filósofo que ensinou Platão de fato o fez. Mas isso não pode ser assim, porque não foi Aristóteles que ensinou Platão e a pessoa, ao ser corrigida, também passaria a ver essa situação de trivialidade como uma aberração.⁸ Os nomes próprios não podem ser abreviações de descrições definidas ou modos de apresentação!

Ela não tem crenças justificadas sobre a outra pessoa, mas crenças falsas sobre essa pessoa. Nesses casos, a referência, na verdade, parece ser determinada pelo fato de que o falante faz parte de uma

⁶ Como veremos logo a frente ao falar sobre John Stuart Mill.

⁷ KRIPKE, S. 1980.

⁸ WETTSTEIN, H. 2004.

comunidade de pessoas que usam esse mesmo nome. O nome foi passado à pessoa por meio de uma tradição, de conexão em conexão.⁹

1.1. “Contato linguístico sem contato cognitivo”

A teoria da referência direta fornece formas de explicar os problemas que a teoria tradicional descritivista não consegue ou apresenta dificuldades, de maneira a transpassá-los. Com isso, um horizonte de novas questões é aberto e a possibilidade de se pensar outras formas de fazer referência sem mediador semântico-cognitivo ou conceituação é mais do que uma questão aberta de Frege à filosofia da linguagem: “O que, se não for algo cognitivo, poderia conectar um elemento da linguagem a um referente?”¹⁰

Os Sentidos (*Sinne*) fregeanos são conceitos formulados pelas pessoas a partir da impressão que elas têm dos objetos sensíveis. As palavras se conectam com o mundo porque exprimem aquela forma como os objetos são experimentados pelas pessoas – seus modos de apresentação. Nota-se, em Frege, assim como é possível notar em Russell com a teoria das descrições definidas, a necessidade de uma formulação conceitual por parte da pessoa para a determinação da referência de um nome.¹¹ Em outras palavras, é necessário um contato cognitivo com aquilo que se pretende designar com as palavras para que elas possam nomear. Uma pessoa precisa ser competente com o nome “Sócrates” para poder expressá-lo em uma conversa e conseguir transmitir um significado – para fixar referência, a pessoa deve ter uma crença verdadeira sobre Sócrates. As proposições *de dictum* são essas estruturas povoadas pelos sentidos das palavras que uma pessoa expressou ao proferir uma expressão.

As proposições propostas pela teoria da referência direta possuem uma estrutura diferente. Caso os nomes façam referência sem a ajuda de nenhum dispositivo semântico como as descrições definidas ou os Sentidos, então os próprios objetos é que povoam as proposições. As próprias coisas. Proposições, para a referência direta, são *de re*.

⁹ “He does not have correct beliefs about another person, but erroneous beliefs about a certain person. In these cases the reference actually seems to be determined by the fact that the speaker is a member of a community of speakers who use the name. The name has been passed to him by tradition from link to link”. KRIPKE, S. 1980, p. 106.

¹⁰ “What, if not something cognitive, might possibly connect a piece of language with a referent?” WETTSTEIN, H. 2004, p. 80. (Tradução nossa)

¹¹ KRIPKE, S. 1980.

Em uma proposição *de re*, significar algo é uma operação linguística e não cognitiva. O que parece ser intuitivo, pois todas as pessoas podem ter crenças equivocadas sobre pessoas, lugares, objetos e pode às vezes falar nomes sem ter conhecimento algum sobre quem recebeu esse nome e por quê.¹²

Nomes próprios, porém, permitem aos falantes preencherem grandes abismos cognitivos, falar sobre coisas apesar de possuir diversas falhas para a individuação do objeto em questão. Longe de tornar nossas práticas com os nomes ininteligíveis, essa falta de um elemento cognitivo para a fixação do objeto mostra-se compreensível, além de ser uma ferramenta importantíssima para as nossas práticas linguísticas com os nomes próprios.¹³

Uma pedra já cantada por John Stuart Mill essa de que não é necessário, para que um nome tenha significado, que ele conote uma propriedade. O clássico exemplo da cidade que fica na foz do rio Dart – *Dartmouth* – explica que mesmo que o rio deixasse de existir, ou mudasse seu curso, a cidade não precisaria mudar seu nome. Isto é, por mais que o nome tenha sido dado por um motivo, ele não passa de um marcador que permite que as pessoas e as coisas sejam tomadas como objeto de discurso.

Quando nomeamos uma criança com o nome Paul, ou um cachorro com o nome Caesar, esses nomes são simples marcadores, usados para permitir que esses indivíduos possam ser tornados sujeitos de uma frase. Pode-se dizer, porém, que tivemos nossas razões para dar às pessoas e objetos esses nomes ao invés de outros; e isso é verdade; mas o nome, uma vez atribuído, é independente de quaisquer razões. Um homem pode ter sido nomeado como John, por ser este o nome de seu pai; uma cidade pode ter sido nomeada como Dartmouth, por estar situada na foz do rio Dart.¹⁴

O contato linguístico com o mundo apela para a fixação de referência a partir das práticas linguísticas da comunidade – um caráter *social* atribuído à linguagem –, ao

¹² *Idem*.

¹³ “Proper names thus allow individual speakers to bridge great cognitive gulfs, to speak about things despite a lack of anything close to individuating beliefs about the things in question. Far from making our practices with names unintelligible, the lack of a cognitive fix requirement seems most understandable, an extremely important feature of our practices with proper names”. *Idem*, p. 78. (Tradução nossa)

¹⁴ “When we name a child by the name Paul, or a dog by the name Caesar, these names are simply marks used to enable those individuals to be made subjects of discourse. It may be said, indeed, that we must have had some reason for giving them those names rather than any others; and this is true; but the name, once given, is independent of the reason. A man may have been named John, because that was the name of his father; a town may have been named Dartmouth, because it is situated at the mouth of the Dart”. MILL, J. apud. WETTSTEIN, H. 2004, p.79. (Tradução nossa)

invés de uma linguagem particular que as pessoas possuem e que, com ela, expressam os pensamentos.

Assim como Kaplan,¹⁵ Howard Wettstein permite-se afastar um pouco dos *designadores rígidos* e da ideia de *cadeia histórico-causal* de Kripke para aproximar-se genuinamente de Mill, com objetivo de fazer jus à sua proposta de lema que nos é tão cara no presente trabalho. O que nos interessa na tese de Wettstein é essa ideia de *contato linguístico*. Para isso, seguiremos a estratégia do autor ao longo desta seção.

A concepção que Mill tem de nomes como *marcadores (Tags)* é importantíssima para o desenvolvimento do lema de Wettstein. A questão principal, para nossos propósitos, levantada por Mill é se os nomes se conectam com o mundo – e, portanto, significam – a partir da conotação que possuem, ou se os nomes simplesmente denotam alguma coisa.¹⁶

Os nomes próprios – e também os comuns, para nossa aproximação – podem ser comparados a números que designam uma pessoa em determinada comunidade. Essa comparação feita por Wettstein propõe o seguinte: há uma comunidade de pessoas que identifica todos os viventes com números. Isto é, batiza-se as crianças com números quando elas nascem; cada número diz respeito a uma pessoa diferente. Um membro da comunidade, ao referir-se a uma pessoa usando o número designado a ela, não faz referência, de nenhuma maneira, às crenças que se tem sobre a pessoa ou o designador. Ou seja, a referência do número de identificação depende única e exclusivamente da pessoa que o número designa. Assim, é possível que esse membro da comunidade não saiba quem é a pessoa do número 113, não tenha nenhuma crença sobre ela e, mesmo assim, em uma conversa, ou pensando sozinho, especule que o número 113 é dentista e possui uma casa muito bonita; pode também perguntar a outro morador da comunidade “quem é o 113?”, etc.

Os números são, dessa forma, simplesmente marcadores (*tags*) de pessoas e é claro que se pode ter qualquer crença sobre eles. Entretanto, é importante saber que essas crenças não são indispensáveis para a fixação de referência. Não é indispensável que cada número tenha um sentido para fazer referência a alguém. Cada número – ou cada nome – tem uma pessoa que o carrega. E carregar um

¹⁵ “I believe that proper names, like variables, are directly referential. They are not, in general, strongly rigid designators nor are they rigid designators in the original sense.” KAPLAN, D. 1989, p. 497.

¹⁶ WETTSTEIN, H. 2004.

número/nome é bem diferente de satisfazer a conotação que esse número/nome possui. Um número/nome é, na verdade, a própria coisa que busca o referente no mundo. O Sentido é somente um produto da relação entre número/nome e pessoa – ou coisas.¹⁷

O portador é um destinatário e a função do nome é, como Mill diz, simplesmente possibilitar que esse destinatário seja o sujeito de uma frase. Uma descrição, ao contrário, é como uma receita ou uma instrução de como encontrar aquele que a satisfaz.¹⁸

2. Indexicais e demonstrativos verdadeiros

Termos como “eu”, “ele”, “este”, “agora”, “aqui”, “hoje”, “ontem”, etc. mudam o referente conforme mudam o falante e o contexto de fala. São indexicais. Termos que fixam referência de forma sensível ao contexto de uso. Há uma separação importante feita por Kaplan entre *indexicais puros* (*pure indexicals*) e *demonstrativos verdadeiros* (*true demonstratives*). Os *indexicais puros* são do tipo sensível ao contexto, enquanto os *demonstrativos verdadeiros* – “aqui”, “ele”, “aquele”, etc. – são do tipo que precisam de demonstração além da sensibilidade ao contexto.¹⁹ Alguém tem que apontar para o lugar ou pessoa para que o processo de fazer referência seja completo. “O *demonstrativo* (uma expressão) tem como seu referente aquilo que a *demonstração* demonstra. Eu chamo isto que é demonstrado de ‘*demonstratum*’.”²⁰

Demonstrativos sem demonstração são incompletos. Isto é, não têm valor de verdade porque não demonstram nada; falta alguma coisa para que eles possam de fato apontar para algo. Assim, dizer “aquilo” sem apontar para o que se quer falar, não diz nada sobre coisa alguma. Demonstrativos sem demonstração não são necessariamente *vácuos*, como são as descrições definidas quando aplicadas de maneira imprópria; eles são, na verdade, incompletos.²¹ Entretanto, isso não quer dizer que não existe a possibilidade de *demonstrativos* serem *vácuos*, Kaplan escreve

¹⁷ KAPLAN, D. 1989, p. 486.

¹⁸ “A bearer is an assignee, and the job of the name is, as Mill says, simply to make its assignee a subject of discourse. A description, by contrast, is like a recipe or an instruction for finding its satisfier.” WETTSTEIN, H. 2004, p. 86. (Tradução nossa)

¹⁹ Há também os *demonstrativos complexos*, os quais trataremos mais para frente no trabalho, mas, antecipando, estes são termos demonstrativos somados a algum nominal, alguma descrição definida, etc., como por exemplo “aquele carro”, ou “aquele homem vestido de vermelho”. Há uma literatura vasta de pessoas discutindo-os, chegaremos lá...

²⁰ “The *demonstrative* (an expression) refers to that which the *demonstration* demonstrates. I call that which is demonstrated the ‘*demonstratum*’.” KAPLAN, D. 1989, p. 490. (Tradução nossa)

²¹ *Idem*.

que há essa possibilidade; é possível apontar para algo que não está de fato naquele lugar, como é o caso das alucinações; o demonstrativo é vácuo também quando se aponta para o *demonstratum*²² errado – apontar para uma carroça pensando estar apontando para um carro, por exemplo. Nestes casos de vacuidade, Kaplan é bem claro: não há referência. “Mas está claro que é possível distinguir um demonstrativo com uma demonstração vazia: sem referentes, de um demonstrativo com nenhuma demonstração: incompleto”.²³ Mesmo nestes casos, os demonstrativos são incompletos: carecem de conteúdo.

Indexicais puros não precisam de demonstração, a menos que para algum tipo de ênfase, o que não interfere em nada na semântica dos termos. Marcos, quando diz “eu” está se referindo a ele mesmo, enquanto Sophia, quando diz “eu”, refere-se a ela mesma. Termos como “agora” e “ontem” referem-se também imediatamente ao que o contexto sugere. Os *Indexicais* (tanto os demonstrativos quanto os indexicais puros) são, portanto, dispositivos de referência direta.

[...] pretendo usar “diretamente referencial” para falar de uma expressão que, uma vez determinada sua referência, esta é fixada em todas as circunstâncias, i.e., é tomada como sendo o componente proposicional da expressão.

Para mim, a ideia mais intuitiva não é a de que uma expressão começou a designar o mesmo objeto em todas as circunstâncias, mas a de que as regras semânticas da expressão garantem aquele referente em todas as circunstâncias possíveis como sendo o referente atual. Em casos típicos, as regras semânticas vão fazer isso de forma implícita, garantindo uma maneira de determinar o referente e nenhum outro componente proposicional.²⁴

Os indexicais fazem referência de forma direta e falam sobre um único objeto em todas as circunstâncias, dado o contexto de sua enunciação. O contexto é o momento em que a referência foi fixada e a circunstância é, por sua vez, a situação que se está avaliando a frase. Por ser sensível ao contexto, o indexical aponta para

²² *Demonstratum* é o que está sendo demonstrado.

²³ “But it is clear that one can distinguish a demonstrative with a vacuous demonstration: no referents from a demonstrative with no associated demonstration: incomplete”. KAPLAN, D. 1989, p. 491. (Tradução nossa)

²⁴ “[...] I intend to use 'directly referential' for an expression whose referent, once determined, is taken as fixed for all possible circumstances, i.e., is taken as being the propositional component. For me, the intuitive idea is not that of an expression which turns out to designate the same object in all possible circumstances, but an expression whose semantical rules provide directly that the referent in all possible circumstances is fixed to be the actual referent. In typical cases the semantical rules will do this only implicitly, by providing a way of determining the actual referent and no way of determining any other propositional component.” *Idem*, p. 493. (Tradução nossa)

um objeto diferente quando aquele muda. A proposição é, desse modo, singular: fala sobre uma única coisa. Assim, quando uma pessoa diz em determinado contexto “eu não existo”, o termo ‘eu’, por ser um termo de referência direta, fixa um objeto: a pessoa que está falando. E, ao avaliar a frase, deve-se saber que o objeto de ‘eu’ é o mesmo em qualquer circunstância em que se quer avaliar. Desse modo, “eu não existo” é uma frase falsa nas circunstâncias em que o referente do indexical existe e verdadeira nas circunstâncias em que ele não existe.²⁵

2.1. Conteúdo e caráter

Proposição é aquilo que uma frase expressa, e para cada termo da frase há algo na proposição ao qual o termo corresponde. No caso das proposições kaplanianas, o que está na proposição que corresponde ao termo da frase (a palavra) é o próprio objeto. Assim, o indexical presente na frase, quando identificado no contexto, tem como seu correspondente na proposição o próprio objeto. Desse modo, duas pessoas diferentes, ao falarem “eu estou aqui”, dizem coisas diferentes, embora a frase seja exatamente a mesma. O significado das frases é sempre determinado por uma função do contexto.²⁶ O *conteúdo* da proposição é aquilo que é de fato dito pela frase e é, portanto, o que difere na frase “eu estou aqui” quando dita por pessoas diferentes.²⁷

A ideia de *conteúdo* que Kaplan fornece é bem parecida com a noção fregeana de *pensamento* (*Gedanke*). Uma vez fornecido o contexto de enunciação, aquela frase terá o mesmo significado eternamente.²⁸ Ou seja, o conteúdo da proposição expressa por aquela frase não vai mudar nunca; o mesmo com seu valor de verdade. “Todas as expressões diretamente referenciais (assim como todos os designadores rígidos) têm um conteúdo fixo. [O que eu também chamo de conteúdo estável].”²⁹ Mas ao utilizar o termo ou a frase em outro contexto, outra proposição é gerada porque,

²⁵ *Idem*, p. 495.

²⁶ Essa função é o *caráter*.

²⁷ KAPLAN, D. 1989, p. 500.

²⁸ “[...] unlike other expressions such as definite descriptions, the contribution of an indexical never seems affected by a linguistic embedding. Trump is both the referent of ‘the US president’ and the referent of the personal pronoun in the mouth of the current US president, but ‘the US president’ and ‘I’ in the mouth of the current president differ in how they contribute to content. Trump is not always the contribution that ‘the US president’ makes to the content of sentences that contain it.” RABERN, B. 2021, p. 4.

²⁹ “All directly referential expressions (as well as all rigid designators) have a fixed content. [What I elsewhere call a stable content].” KAPLAN, D. 1989, p. 502. (Tradução nossa)

novamente, o conteúdo é determinado por uma função do contexto de enunciação. Desse modo, ao dizer “hoje” no dia dois de março de dois mil e vinte e dois, o componente proposicional correspondente ao ‘hoje’ da frase é o próprio dia vinte e dois de março de dois mil e vinte e dois e a proposição se torna eterna. No dia seguinte (dia vinte e três), deve-se usar outro termo para falar sobre o dia que é objeto de referência da frase anterior. No caso, ‘ontem’. Porque ‘hoje’, nesse novo contexto, fornece outro conteúdo – a saber, o dia três de março de dois mil e vinte e dois.

Apesar de o conteúdo de ‘ontem’ ser o mesmo de ‘hoje’ naquele contexto, deve-se expressar da forma descrita acima, porque aquilo que fixa o referente do indexical³⁰ é absolutamente sensível ao contexto de enunciação.

Caso alguém queira dizer o mesmo hoje que disse ontem usando a palavra ‘hoje’, é necessário substituir essa palavra por ‘ontem’. Apesar do pensamento ser o mesmo, sua expressão verbal deve ser diferente, porque assim é o seu sentido, que é afetado pelo tempo em que é proferido, é reajustado.³¹

Todas as frases expressam dois tipos de sentido, na concepção kaplaniana. Um deles é o *conteúdo* das proposições, que é aquilo a que se atribui valor de verdade – “it is contents that are evaluated in circumstances of evaluation”³² – e o outro é o *caráter* (*Character*).

O *caráter* é o dispositivo que determina no contexto o *conteúdo* da frase. Há frases com *caráter fixo*, como é o caso de proposições eternas³³: “todas as pessoas vivas em 1977 estarão mortas em 2077”.³⁴ Frases desse tipo expressam a mesma proposição independente do contexto em que são proferidas. O valor de verdade pode, no entanto, variar conforme a circunstância de avaliação muda. As frases com indexicais, todavia, não possuem *caráter fixo*. Sendo ele uma função de contexto, e sendo os indexicais sensíveis a contexto, o *caráter* desse segundo tipo de frase só pode ser variável.

³⁰ O *caráter*, como falaremos a seguir.

³¹ “If someone wants to say the same today as he expressed yesterday using the word ‘today’, he must replace this word with ‘yesterday’. Although the thought is the same its verbal expression must be different so that the sense, which would otherwise be affected by the differing times of utterance, is readjusted”. FREGE, G. 1892, apud. KAPLAN, D. 1989, p. 501. (Tradução nossa)

³² *Idem*, p. 501.

³³ FREGE, G. 2002.

³⁴ No original: “All persons alive in 1977 will have died by 2077.” KAPLAN, D. 1989, p. 506.

Indexicais possuem um caráter sensível ao contexto, é uma característica do indexical que seu conteúdo varie de acordo com o contexto. Termos que não são indexicais possuem um caráter fixo. O mesmo conteúdo é invocado em todos os contextos. Esse conteúdo será sensível às circunstâncias, o que significa que os termos não indexicais não são designadores rígidos, porque variam sua extensão de circunstância para circunstância. Frases eternas geralmente são bons exemplos de frases com caráter fixo.³⁵

Frases com *caráter fixo* têm o mesmo conteúdo em todos os contextos de enunciação, porém podem mudar o valor de verdade e o objeto fixado conforme muda a circunstância de avaliação. E frases com *caráter variável* referem-se sempre ao mesmo objeto em qualquer circunstância de avaliação, porém são sensíveis ao contexto de enunciação.

Assim como é conveniente representar conteúdos de proposições como funções de circunstâncias possíveis para extensão, é conveniente representar caráter como função de contextos possíveis para conteúdo.³⁶

Para diferenciar *caráter* de *conteúdo* basta que se entenda que o caráter, como função de um contexto, fornece o conteúdo da proposição, ou seja, aquilo que a povoa. O *conteúdo*, por sua vez, ao ser submetido a uma circunstância, fornece a extensão daquele termo. Todos os termos da frase possuem *conteúdo*. Descrições definidas, indexicais, predicados, etc. São estes que são submetidos às circunstâncias. A consequência da avaliação de uma frase, em uma circunstância, é o seu valor de verdade; a extensão do conteúdo da frase³⁷ é o seu valor de verdade. A consequência da avaliação do conteúdo de um termo, em uma circunstância, é o objeto; a extensão do conteúdo do termo é o objeto.³⁸

Se nos for permitido fazer uma imagem metafísica do que foi dito acima, temos o seguinte: toda frase expressa uma proposição, que é o seu sentido. O que povoa uma proposição são os conteúdos dos termos já que cada termo de uma frase possui

³⁵ "Indexicals have a *context-sensitive* character. It is characteristic of an indexical that its content varies with context. Nonindexicals have a *fixed* character. The same content is invoked in all contexts. This content will typically be sensitive to circumstances, that is, the nonindexicals are typically not rigid designators but will vary in extension from circumstance to circumstance. Eternal sentences are generally good examples of expressions with a fixed character". *Idem*, p. 506. (Tradução nossa)

³⁶ "Just as it was convenient to represent contents by functions from possible circumstances to extensions (Carnap's intentions), so it is convenient to represent characters by functions from possible contexts to contents". *Idem*, p. 505. (Tradução nossa)

³⁷ No original: "The Content of the whole is a function of the Content of the parts." *Idem*, p. 507.

³⁸ *Idem*, p. 501.

um conteúdo correspondente na proposição. É sabido que, para Kaplan, os termos se referem diretamente aos objetos – cada conteúdo corresponde a um objeto no mundo –, então os conteúdos das proposições são os próprios objetos. Uma proposição fala sobre um estado de coisas e cada termo fala sobre um objeto.³⁹ Por conta disso é que a extensão de uma proposição é um valor de verdade. O *caráter* aparece nessa imagem como aquele dispositivo que determinará o conteúdo de cada um dos termos da frase; ou seja, ele determina cada um dos componentes da proposição. O contexto serve para fixar no termo um conteúdo e a circunstância serve para, uma vez fixado o conteúdo, averiguar se os objetos estão organizados no mundo da forma como a proposição está organizando. No caso de indexicais, o sentido do termo indexical é o seu *caráter*, porque este é variável. Sendo assim, cada frase possuirá um conteúdo diferente. Ao passo que o sentido de um *não-indexical* é o próprio conteúdo, por conta de seu *caráter fixo*.⁴⁰

2.1.1. Ainda sobre *caráter e conteúdo*

O conteúdo da proposição, por ser uma função da circunstância de avaliação, é submetido a diversos recursos circunstanciais para a correta atribuição de referência. Sendo assim, a imagem conceitual da proposição é uma função da extensão dos operadores que a circunstância de avaliação fornece.

Uma frase precisa de parâmetros que dêem as possibilidades para que ela tenha um conteúdo e um valor de verdade. Assim, o *contexto* dá os parâmetros para gerar um conteúdo; e a *circunstância de avaliação* dá os parâmetros para gerar o valor de verdade da frase.⁴¹ São, portanto, os *índices (index)* que determinam a extensão de uma expressão.⁴²

Nessa função de avaliar o conteúdo, a circunstância provê vários parâmetros que recorrem à semântica da construção intensional. Por exemplo, avaliando uma frase como “necessariamente, eu amo você”, o operador “necessariamente” verifica se, em todas as circunstâncias, as coisas estão da forma como essa frase diz. Se há alguma circunstância de avaliação em que as coisas não estão configuradas

³⁹ O que nos remete ao velho Tractatus...

⁴⁰ KAPLAN, D. 1989, p. 507.

⁴¹ RABERN, B. 2021, p. 6.

⁴² KAPLAN, D. 1989, p. 508.

dessa maneira como a frase diz, então a sentença com o operador modal é falsa.⁴³

Desse modo, o valor de verdade de uma frase sensível ao *contexto* e *circunstância* (uma frase indexical) é uma função de um conjunto de vários parâmetros, que são os *índices*. Estes parâmetros dentro do *índice* são as coordenadas em que a frase está sendo avaliada. São coordenadas de *tempo*, *espaço*, *posição* (tridimensional), *agente de fala*, etc. É dessa forma que a *circunstância de avaliação* determina o valor de verdade.

2.2. Monstros e o diagnóstico de Teratofobia

Kaplan deixa claro que todos os demonstrativos são dispositivos de referência direta. O *princípio 2* de sua *Lógica dos Demonstrativos (LD)* diz: “Indexicals, pure and demonstrative alike, are directly referential.”⁴⁴ Sendo assim, todas as frases que possuem algum indexical devem ter como escopo principal o escopo do indexical. Ou seja, a frase deve ser interpretada a partir do indexical e sua verdade vai depender disso. Não deve haver, portanto, qualquer operador que mude o *caráter* de uma expressão, isto é, que mude o escopo em que a expressão será interpretada.

Minha generosidade com respeito a operadores no conteúdo, i.e., operadores intensionais (qualquer elemento de circunstância de avaliação) não se estende para operadores em caráter.⁴⁵

Os *monstros*, como Kaplan chama⁴⁶, são formas de operar em uma frase com indexical, de maneira que, ao adicioná-los (estes operadores), o conteúdo da proposição deixa de ser função do caráter e passa a ser função deles. Assim, se adicionarmos “em alguns contextos, é verdade que...” na frente de uma frase como “eu estou com fome agora”, teremos uma frase na qual sua verdade é dependente da

⁴³ “In its content-evaluating role, the circumstance provides various parameters appealed to in the semantics of intensional constructions. For example, in the evaluation of an utterance of “Necessarily, I love you” the modal operator “Necessarily” checks whether, in every circumstance, things are as that particular utterance of “I love you” represents things as being. If there is a circumstance of evaluation differing with respect to whether things are as the utterance, in context, represents things as being, then the utterance of the modalized sentence is false (and it’s true otherwise)”. RABERN, B. 2021, p. 6. (Tradução nossa)

⁴⁴ KAPLAN, D. 1989, p. 492.

⁴⁵ My liberality with respect to operators on content, i.e., intensional operators (any feature of the circumstances of evaluation that can be well defined and isolated) does not extend to operators which attempt to operate on character. *Idem*, p. 510. (Tradução nossa)

⁴⁶ *Idem*.

primeira frase e não da frase contendo o indexical. Isto é, para que a nova frase “em alguns contextos, é verdade que eu estou com fome agora” seja verdadeira, basta que qualquer agente esteja com fome em qualquer contexto. Assim, os indexicais “eu” e “agora” perdem sua função de serem termos de referência direta, já que o conteúdo da frase não tem relação alguma com o contexto de uso destes.

Em outros termos, o que uma frase *monstruosa* pretende é tomar o *caráter* como argumento de uma função. Uma frase indexical só tem conteúdo dentro de um contexto, que é dado pelo caráter. Não é possível, porém, para Kaplan, que exista algum operador na língua natural que tome o caráter como argumento.⁴⁷ Para saber qual o caráter de uma frase, deve-se olhar para seu conteúdo, porque este é dado a partir de coordenadas contextuais de expressão (*utterance*). Assim, é correto dizer que o caráter é o conjunto dos parâmetros em que se gera um conteúdo de frase. Fazer alguma operação nele é simplesmente mudar os parâmetros em que aquele conteúdo foi gerado. E, com isso, o próprio conteúdo é mudado; não mais o indexical é o que aponta o conteúdo da frase.⁴⁸

É preciso que se pague um preço bem alto para mudar o parâmetro com que os conteúdos de frases são gerados: os indexicais deixam de ser dispositivos de referência direta. Ora, a contribuição que um indexical faz para a frase é dar como conteúdo da proposição expressa pela frase exatamente aquilo para o que ele está apontando no contexto. E toda frase que possui um indexical deve seguir essa mesma lógica. O princípio 2 da *LD* deixa isso bem claro. Sendo assim, é natural que um operador que fere um dos princípios mais importantes de sua *LD* seja chamado de *monstro* – algo feio, estranho, que modifica a ordem das coisas, etc. Kaplan, após descrever os *monstros* e revelar o seu pavor por eles, bane-os de sua Lógica dos Demonstrativos – e da língua natural!⁴⁹

Dado que indexicais são entendidos como expressões que mudam seu conteúdo de acordo com o contexto, então se monstros mudam o contexto, eles podem mudar o conteúdo (e, portanto, o referente) dos indexicais. Na presença de monstros, a contribuição que um indexical

⁴⁷ RABERN, B. 2013, p. 2.

⁴⁸ *Idem*.

⁴⁹ Kaplan deixa claro que a *língua inglesa* não possui tais monstros e que é possível criar uma língua nova que os abrace. Tomo por óbvio que Kaplan não falava apenas a língua inglesa, mas da maioria das línguas conhecidas. A *LD* é uma lógica para os *indexicais* de todas essas línguas. “I am not saying we could not construct a language with such operators, just that English is not one. And such operators could not be added to it.” KAPLAN, D. 1989, p. 510.

faz para o conteúdo de sentenças em que estão presentes não depende do que ele refere (no contexto). Assim, monstros violam o princípio 2: o princípio da referência direta.⁵⁰

2.2.1. A comunidade dos monstros

Operadores *monstruosos* variam. Rabern (2013) e Santorio (2010) expandem a noção de *monstros* para operadores modal, epistêmico e *doxástico* (operadores de crenças). Assim, situações monstruosas, no Inglês, podem ser do tipo: uma pessoa olha para outra com o cabelo em chamas e diz:⁵¹

1. Eu acredito que o seu cabelo está queimando.

Ao mesmo tempo em que ela diz isso, pensa:

2. Eu acredito que o meu cabelo não está queimando.

O problema com essas frases é que o valor de verdade delas não depende do indexical que elas possuem. Ambas as frases podem ser verdadeiras ao mesmo tempo, ainda que a pessoa não saiba que na verdade está se olhando no espelho. Assim, o operador “eu acredito que” produz uma contradição, já que o valor de verdade da frase depende exclusivamente da pessoa acreditar ou não em algo, ainda que as duas crenças sobre a mesma coisa sejam contraditórias.

Monstros são também encontrados, por filósofos como Philippe Schlenker, Pranav Anand e Andrew Nevins, em algumas línguas diferentes do Inglês⁵², como: a língua etíope Amárica (*Amharic*); a língua falada por um pequeno grupo étnico no leste da Turquia, o *Zazaki*; a língua falada pelos povos originários, no noroeste do Canadá, *Slavey*; entre outras.⁵³ Em todas essas línguas existe a possibilidade de mudar o escopo dos indexicais. Exatamente isso, nas palavras de Anand e Nevins, mostra como a decisão de Kaplan de postular o princípio 2 da *LD* foi, no mínimo, “apressada”.⁵⁴

Vejamos a seguinte situação⁵⁵: Rudolf Lingens e Gustav Lauben são sequestrados e ambos sofrem de amnésia. Nesse contexto, o conhecimento que cada

⁵⁰ Given that indexicals are understood as expressions whose content varies with context, then if monsters shift the context they can thereby shift the content (and thus referent) of indexicals. In the presence of monsters, the contribution an indexical makes to the content of sentences that contain it is not exhausted by its referent (in a context). Thus monsters violate principle 2: the principle of direct reference. RABERN, B. 2021, p. 9. (Tradução nossa)

⁵¹ Exemplos retirados de: SANTORIO, P. 2010.

⁵² SANTORIO, P. 2010.

⁵³ ANAND, P., NEVINS, A. 2004.

⁵⁴ *Idem*, p. 20.

⁵⁵ Exemplos retirados de: SANTORIO, P. 2010

um tem de si é apenas de que ele é uma das duas pessoas sequestradas. Os sequestradores decidem fazer um “experimento” com as vítimas: eles vão anestésiar Lingens e Lauben e jogarão uma moeda para decidir quem viverá e onde essa pessoa será solta e o seguinte é definido: se a moeda cair em *coroa*, então Rudolf Lingens viverá e será solto em *Main Library*, Stanford e Gustav Lauben será assassinado; caso a moeda caia em *cara*, então Gustav Lauben viverá e será solto em *Widener Library*, Harvard, e Lingens será assassinado. Ambos estão cientes do “experimento”. Então, assim é feito. Um deles, portanto, acorda e diz o seguinte:

3. Se a moeda caiu em *coroa*, então *eu* estou em *Main Library*, Stanford.

4. Se a moeda caiu em *cara*, então *eu* estou em *Widener Library*, Harvard.

Neste caso, ambas as frases possuem um indexical – *eu* – e, no entanto, a referência deste não depende apenas do contexto; é uma situação monstruosa. A referência do indexical depende do modal, ferindo o princípio 2 da *LD*. Alguns outros exemplos de casos monstruosos serão tratados ao longo do trabalho.

Essa expansão permitirá que filósofos contestem e ataquem a forma como Kaplan lida com os indexicais, fazendo com que alguns abandonem a *LD* e adotem formalizações diferentes, que forneçam ferramentas para lidar com os *monstros*, sem ter que bani-los da língua. É o caso da semântica proposta por Santorio (2010, 2012), que trata os indexicais, em alguns casos, como variáveis ligadas, o que é impensável para Kaplan que afirma categoricamente que os indexicais – todos eles – são dispositivos de referência direta.

3. Endereços

A ideia principal para a formulação dos *endereços* como categorias semânticas e objetos em um espaço ontológico os quais a linguagem faz referência é a de que é possível dizer algo verdadeiro sobre um objeto ainda que a descrição atribuída a ele seja falsa. Pode-se falar verdadeiramente algo sobre uma pessoa mesmo que a descrição definida – a forma como o conceito da pessoa se apresenta para o falante⁵⁶ – esteja errada. Assim, é possível dizer a frase “aquele homem bebendo champagne está feliz” e ela ser verdadeira, caso o homem esteja mesmo feliz, ainda que se descubra que aquilo que ele está bebendo não é champagne e que ele é, na verdade,

⁵⁶ Pensamos, neste parágrafo, em assemelhar as descrições definidas com os modos de apresentação, seguindo a forma como Frege é tradicionalmente mencionado.

uma pessoa abstêmia.⁵⁷ O que nos chama a atenção aqui é a possibilidade de se fazer referência a algo mesmo que o conhecimento sobre este algo por parte do falante esteja completamente equivocado.

Em um texto de 1977, *Speaker's reference and semantic reference*, Kripke anuncia a possibilidade para a formulação da diferença que Wettstein buscaria entre *contato linguístico* e *contato cognitivo*. Debrucemo-nos, pois, brevemente, na investigação de Kripke para que então, logo após, façamos a conexão com Wettstein e, assim, possamos formular o que entendemos como *endereços*.

Há uma distinção interessante em um texto de Donnellan que Kripke investiga. As descrições definidas são utilizadas na linguagem de duas formas diferentes. Segundo Donnellan, há o uso *atributivo* e o uso *referencial*. Quando o falante utiliza a descrição para chamar a atenção de sua audiência para o objeto ao qual está falando, é um uso *referencial*. Isso porque não há um caráter *essencialista* da descrição, ou seja, qualquer outra descrição definida poderia ter sido utilizada para individuar o objeto. A descrição é, portanto, uma ferramenta para a fixação de referência, já que o importante é o que vai ser falado sobre o objeto após o uso da descrição. “Aquele homem bebendo champagne está feliz” é um bom exemplo, já que se utiliza o termo “aquele homem bebendo champagne” não para qualificar o objeto, mas sim para chamar a atenção da pessoa para um objeto em específico e, assim, dizer algo sobre ele. No uso *atributivo*, porém, o falante atribui ao objeto a descrição para dizer que o objeto é daquela forma descrita e, sendo assim, a descrição é essencial para a fixação de referência, uma vez que o objeto só é individuado se possui aquela descrição *atribuída* a ele.

Na esteira desses exemplos, Donnellan distingue dois usos de descrições definidas. No uso “atributivo”, o falante “afirma algo sobre qualquer coisa ser da forma tal e tal”. No uso “referencial”, o falante usa a descrição definida para permitir com que sua audiência selecione aquela coisa ou pessoa da qual ele está falando e predica algo sobre aquilo.⁵⁸

⁵⁷ KRIPKE, S. 1977.

⁵⁸ “On the basis of such examples, Donnellan distinguishes two uses of definite descriptions. In the “attributive” use, a speaker “states something about whoever or whatever is the so-and-so.” In the “referential” use, a speaker uses the description to enable his audience to pick out whom or what he is talking about and states something about that person or thing”. *Idem*, p. 257. (Tradução nossa)

Descrições definidas podem, portanto, ser utilizadas de forma referencial. E pode-se reduzir seu uso referencial simplesmente à sua capacidade de demonstrar. A referência não é uma forma de operação sobre as descrições, isto é, o processo da referência é apenas o ato de fixar alguma parte do mundo àquilo que está sendo dito. E o que está sendo dito pode ser um nome ou uma descrição; o importante é o ato de fazer referência. Assim, o *contato cognitivo* ou a *familiaridade* que o falante tem com o objeto não é necessária para falar sobre o objeto. Não importa o que o falante pensa sobre o que está apontando, mas sim para o que ele está *apontando* quando usa o nome ou a descrição. “[A] speaker can refer to the lover and say, of him, that he is kind to her by saying “Her husband is kind to her”.⁵⁹ O uso *referencial* de uma descrição adiciona um caráter importantíssimo para o que desejamos trabalhar aqui.

O que essa investigação de Kripke nos mostra é como a referência pode ser feita sem que se tenha conceitos prévios sobre aquilo que se está falando. Ou seja, não há necessidade de um contato epistemológico com o objeto, basta o contato *linguístico*. Como vimos, a ideia de *contato linguístico* atribui às propriedades sociais da linguagem a fixação de referência. A proposta deste trabalho é pensar em como a referência pode ser atribuída à capacidade da linguagem de *apontar* para um objeto em determinado contexto. Isso significa dizer que todos os substantivos possuem uma *indexicalidade* implícita, porque sua capacidade de demonstrar depende exatamente do contexto em que estão sendo utilizados para apontar para algo. Vamos analisar com calma tudo isso.

Indexicais e demonstrativos são dispositivos de referência direta, pois, com a ajuda de um caráter, que é função de um contexto, fixam como seu conteúdo a coisa sobre a qual se está falando. Assim, quando se diz “eu”, não importa o que a pessoa pensa sobre si mesma, o referente é fixado no contexto de enunciação. Quando se diz “aquilo”, não importa o que a pessoa pensa sobre “aquilo”, o referente é fixado no contexto de enunciação.

O uso *referencial* das descrições definidas permite-nos dar um passo a mais e dizer que independentemente do que se pensa sobre o objeto, o importante é a demonstração; não apenas o *demonstratum*. As descrições definidas, nesse sentido, possuem um caráter *demonstrativo*: o conteúdo da proposição “aquele homem bebendo champagne está feliz” depende exclusivamente de para onde o

⁵⁹ *Idem*, p. 262.

demonstrativo está apontando; depende exclusivamente do endereçamento que se está fazendo. O conteúdo é, portanto, *aquele* homem – não outro – *daquele* contexto, mesmo que ele não esteja bebendo champagne, mesmo que ele seja abstinente, etc.

Os *endereços* são, nesse sentido, a estrutura semântica de todos os nomes – e a estrutura metafísica de todos os objetos. Os nomes, falamos aqui, são todos os substantivos que nomeiam objetos no mundo: “Cadeira”, “Cavalo”, “Lagoa”, são todos nomes. Substantivos, assim como as descrições definidas, possuem uma estrutura indexical – o caráter *demonstrativo* de que falamos acima. O substantivo “gato”, por exemplo, entendemos que possui a seguinte estrutura: [*aquele* objeto específico, *naquelas* redondezas, que as pessoas comumente pensam ser um animal de estimação]. Note que em sua estrutura há o demonstrativo *aquele*. Isso é assim porque ao falar sobre um gato, uma pessoa está apontando para um *lugar* específico e tornando-o saliente naquele contexto. Isso não depende da descrição que se atribui a ele, porque caso seja descoberto que, na verdade, gatos são robôs alienígenas, o endereço não vai mudar; o *demonstratum* será o mesmo: o que quer que seja que povoe *aquele* endereço.

O maquinário de fazer referência dos nomes é o mesmo de qualquer demonstrativo complexo. Dizemos isso porque se em algum momento a descrição atrelada àquele nome mudar, a referência mantém-se a mesma. Os nomes já foram fixados e qualquer descrição definida que se use para falar do objeto batizado pelo nome fará referência a partir da demonstração implícita. Assim, a referência direta funciona a partir de demonstrações, ainda que não se tenha um *indexical* ou um *demonstrativo* na frase, justamente porque a estrutura dos nomes é esta demonstrativa. A referência, em todos os casos, é aquilo que é apontado por um *dthat*: o endereço.⁶⁰

Pegemos as frases:

5. Esta água é boa para beber.

6. Este gato é muito carinhoso.

Em ambos os casos, a estrutura da proposição é:

5') [*Esta coisa que está saindo da minha torneira*] é boa para beber.

6') [*Esta coisa que está em cima do meu tapete agora*] é muito carinhoso.

⁶⁰ KAPLAN, 1989.

Se a forma como a pessoa pensa sobre algum desses nomes “água” e “gato” mudasse, caso a pessoa fosse de uma Terra Gêmea e pensasse que a água é “XYZ”, porque em sua Terra essa é a estrutura da água, e não “H₂O”; ou caso a pessoa descobrisse que todos os gatos são robôs alienígenas com um plano maligno para dominar o mundo, ainda assim a referência seria fixada, porque foi apontado para um *endereço* – [*Esta coisa que está saindo da minha torneira*]; [*Esta coisa que está em cima do meu tapete agora*] –, isto é, para um *dthat*.

O que interessa na referência é o que foi fixado: o *endereço*; o que a pessoa queria demonstrar não importa para a fixação de referência. É certo que podem haver divergências entre o que é demonstrado e a intenção da pessoa. Podemos pensar no caso do retrato de Carnap na sala de Kaplan.

David Kaplan possui um quadro com o retrato de um dos maiores filósofos do século XX – segundo o próprio Kaplan –, Rudolf Carnap. Todos os dias aquela foto está na parede. Algum dia, uma pessoa retira o retrato de Carnap e coloca um do 39º vice-presidente dos Estados Unidos, Spiro Agnew. Kaplan entra em sua sala conversando com um orientando e, de costas para o retrato, aponta para este e diz: “Aquele foi um dos maiores filósofos do século XX”.⁶¹ Certamente Kaplan não está falando que Spiro Agnew foi um dos maiores filósofos do século XX, justamente porque o retrato que deveria estar ali era de Carnap. Ele pensou, portanto, ter apontado para Carnap, mas, na verdade, apontou para Spiro Agnew. Kaplan estava de costas e, por isso, não se deu conta do erro. A referência fixada da proposição não foi a que Kaplan pensou ter sido. Como dito, a fixação da referência independe das intenções de quem está falando.

O *contato linguístico* independente do *contato cognitivo* – e, portanto, o *endereço* que foi *criado* ao apontar para algo – é o que permite que o orientando de Kaplan possa-o corrigir, dizendo: “Mas este é Spiro Agnew, o 39º presidente dos Estados Unidos”. Da mesma forma, quando alguém diz “este gato é muito carinhoso” apontando para um cachorro, a referência é, sem dúvidas, o cachorro, ainda que a pessoa imagine estar falando de um gato.

Os *endereços* são *criados* no momento em que se faz uma referência. Uma descrição definida, utilizada de forma referencial, por exemplo, aponta para um

⁶¹ Exemplo retirado de: REIMER, M. 1991.

endereço que pode ou não ser ocupado pelo objeto que satisfaz aquela descrição. É sobre o *endereço* que as pessoas falam. O que se sabe sobre o que ocupa o endereço é algo que acontece após fixar o endereço como referência, é um conhecimento *a posteriori*. Quando se descobriu que elétrons são partículas com carga negativa, não houve uma demonstração explícita, mas houve a criação de um *endereço* – uma denotação – e, assim, pôde-se começar a falar sobre esses *endereços* para descobrir o que ocupava-os. São os endereços que fazem a conexão entre linguagem e mundo.

Ao contrário do que se pode pensar, a criação dos *endereços* não nos faz fregeanos, ou menos adeptos da referência direta. Na verdade, é uma *extrapolação* da referência direta: faz-se referência a *endereços*, porque os substantivos são também *endereçamentos* a coisas no mundo. O substantivo possui uma estrutura implícita, que é o *endereço* e este é povoado pelo que quer que exista no mundo; se for uma metafísica de objetos, então é um objeto que o povoa. Nesse tipo de análise, o caráter não tem mais função de individuar um objeto e colocá-lo, como substantivo, na proposição, abandonando o indexical, fazendo do indexical uma escada que alguém sobe e chuta após chegar ao topo. O caráter é parte da estrutura do endereço, interno e não externo como na metafísica de Kaplan.

Os *endereços*, todavia, são estruturas ontológicas, o que quer dizer que eles fazem parte da estrutura do mundo. Eles são a *direção* para a qual uma pessoa aponta, ainda que não haja demonstração explícita. São parte da “engenharia” por trás da referência. São também estruturas *trans*-mundanas, ou seja, podem ser povoados por coisas diferentes em mundos diferentes, dependendo do contexto em que a pessoa que fala está. Quando uma pessoa fala da água na Terra, uma coisa povoa o *endereço*: “H₂O”; e quando a pessoa está na Terra Gêmea e fala da água, outra coisa povoa o *endereço*: “XYZ”. Essa noção nos ajudará a falar sobre como *monstros* podem demonstrar, na próxima sessão.

4. Conclusão (ou Monstros demonstram⁶²)

Nos últimos anos, o interesse pelos operadores *monstruosos* de Kaplan cresceu. Alguns autores perceberam como os monstros são muito mais comuns

⁶² Ver: BENSUSAN, H. GIMENO, J. DA SILVA, G., no prelo.

dentro da língua natural do que se imaginava.⁶³ Ao contrário do que pensava Kaplan, os operadores *monstros* ocorrem sim na linguagem natural e não apenas na linguagem formal. “In spite of Kaplan’s ban, theorists have pointed to various potentially monstrous constructions of English.”⁶⁴ Por conta disso, bani-los da *LD* não muda o fato de que eles existem. É como dizer para o filho que não há monstro no armário, quando na verdade há e você só fechou a porta para ele não fazer nenhum barulho enquanto o filho dorme.

Nesta seção, defenderemos a ideia de que, com *endereços*, é possível manter o princípio 2 da *LD* – demonstrativos demonstram diretamente –, contrariando a proposta de Santorio (2010), em que *indexicais* são variáveis ligadas.⁶⁵ Adicionando *endereços* ao mobiliário do mundo e à semântica, é possível continuar ao lado de Kaplan em sua defesa da referência direta, ainda que não seja nossa intenção mantermo-nos *kaplanianos* com respeito a conteúdo de proposições.

Os *endereços* são o valor semântico dos indexicais. Por ser sensível ao contexto e *trans-mundano*, um *endereço* não é exclusivo daquele indexical. Para que fique mais claro, peguemos os nomes: os nomes denotam um único *endereço*, o que muda no contexto é a entidade que ocupa aquele *endereço* denotado. Os indexicais, por outro lado, denotam diferentes *endereços* em diferentes contextos de enunciação⁶⁶, o que gera uma dupla indexicalidade, porque os *endereços* possuem uma estrutura indexical. Desse modo, o indexical aponta para *endereços* diferentes em diferentes contextos e os *endereços* podem ser ocupados por objetos diferentes em mundos diferentes. A ideia é que a referência não termina no objeto, mas na entidade a qual o objeto ocupa: o endereço. É bem por conta disso que os indexicais não precisam se tornar variáveis ligadas para lidar com monstros.

Analisemos alguns casos:

(Santorio 2010) Um grupo de alpinistas se perdeu nas montanhas entre a França e a Itália. Ao descerem a montanha, avistam uma cidade, mas não sabem qual cidade é. Uma pessoa, no entanto, aponta para ela e diz:

7. Se nós estivermos do lado da França, *aquela* [apontando] cidade é Lyon.

⁶³ Autores como Schlenker (2003), Santorio (2010, 2012), Rabern (2013), Briciu (2017), entre outros, estão entre os principais autores que resgataram os monstros e perceberam sua existência dentro da linguagem natural.

⁶⁴ RABERN, B. 2021, p. 7.

⁶⁵ SANTORIO, P. 2010.

⁶⁶ Se o conteúdo de um indexical é diferente em cada contexto de enunciação e se o endereço é o conteúdo de um indexical, então, em cada contexto diferente o indexical denota um endereço diferente.

8. Por outro lado, se nós estivermos do lado da Itália, *aquela* [apontando] cidade é Turim.

O operador monstro aqui está claro: a referência da frase depende, nessa situação, do operador *se*, que opera no caráter da frase. A análise kaplaniana, baseada no princípio 2 da *LD*, será a de que a referência da frase é função do demonstrativo “aquela” e que, portanto, uma das duas frases é falsa; elas são contraditórias.⁶⁷ Uma delas fixou o referente correto, ainda que não se saiba qual. Por outro lado, a análise de Santorio sustenta que o demonstrativo é uma variável ligada pelo condicional “se”, que está quantificando sobre as circunstâncias que povoam o caráter da frase. Assim, o *demonstratum* é um valor variável – pode ser Turim e pode ser Lyon – ligado ao condicional, que muda-o de acordo com a variação da circunstância; a referência muda conforme mudam os mundos possíveis. Adicionando *endereços*, esse problema é resolvido sem banir os monstros da língua e mantendo o demonstrativo como dispositivo de referência direta. Em nossa análise, o *endereço*, que pode ser povoado tanto por Turim quanto por Lyon, é a referência.

De forma detalhada, o maquinário dos *endereços* é o seguinte: vamos assumir $an(w)$ como o valor de um *endereço* an em um mundo w . Vamos assumir também uma semântica para o condicional “se”, que o permite quantificar sobre mundos possíveis. Sendo assim, para qualquer frase s do tipo “Se p então q ” em um mundo possível w , s será verdade em w se, e somente se – sse –, para qualquer outro mundo possível v , p é verdadeiro em v e q é verdadeiro em v . Isso quer dizer que a frase (3) é verdadeira somente se em qualquer mundo possível em que os alpinistas estejam do lado Francês, o *endereço* apontado é ocupado por Lyon; o mesmo acontece para (4), a frase será verdadeira se o que ocupa nossa entidade for Turin. O *endereço* apontado é o mesmo em ambas as frases. Ele é estabelecido para apontar qualquer que seja a cidade que os alpinistas estão vendo; a regra para a fixação de referência mantém-se estável em qualquer mundo ou contexto possível: o endereço é o mesmo desde que ele é estabelecido em alguma conversação em algum mundo possível – ele é *trans-mundano*. Assim, o que é levado em consideração ao verificar o valor de verdade da frase e o *demonstratum* é a mesma entidade, tanto em (3) quanto em (4).

⁶⁷ Essa análise é feita a partir da linguagem formal em Kaplan, já que monstros não existiriam na linguagem natural.

Nesse caso, as frases não são contraditórias, (3) tem seu critério de verdade, assim como (4).

O *endereço* é estabelecido com um único objetivo: apontar para qualquer que seja a cidade que os alpinistas estão falando sobre. O operador monstro pode operar sobre o caráter dos indexicais e, ainda assim, a referência direta se mantém, visto que a referência do indexical é a mesma entidade em qualquer contexto e mundo possível. Ainda que não saibam o que é que povoa o *endereço*, os alpinistas concordam sobre aquilo que estão apontando, concordam que é uma cidade; parece, portanto, haver uma espécie de *contato linguístico* sem *contato cognitivo*. Em suma, o *endereço* não é uma entidade mental, mas algo que faz parte do mobiliário mundo a partir do momento que é lançado através do apontamento. Ele possui uma estrutura indexical, em que, ainda que a pessoa não saiba para o que está apontando, ainda que haja alguma quantificação no caráter da frase, a referência é fixada; o caráter não precisa ser tomado como argumento para a função.

(Santorio 2010), uma pessoa acorda no meio da noite ouvindo seu relógio soar. A pessoa sabe que o relógio soou uma ou duas vezes, mas não tem certeza se foi uma ou duas vezes. Ela, portanto, expressa as seguintes frases:

1. Se o relógio soou uma vez, então agora é 01h da manhã.
2. Se o relógio soou duas vezes, então agora são 02h da manhã.

Nesse caso, nossa análise é bem similar à do caso anterior. O indexical “agora” faz um contato linguístico com um *endereço*, ainda que a pessoa não tenha nenhum contato cognitivo com o que quer que o ocupe – a hora 1, ou a hora 2 da manhã. Para entender este caso, é preciso acrescentar algumas coisas ao maquinário dos *endereços*. O *endereço* é um intermediário entre o que o povoa e o indexical. É possível falar sobre ele, mesmo que não se saiba nada acerca de suas propriedades. Podemos falar de um mesmo *endereço* em mundos diferentes, mas isso não é suficiente. É preciso que possamos falar sobre um mesmo *endereço* em tempos diferentes, isto é, em *circunstâncias* diferentes. Precisamos adicionar algumas peças nesse maquinário. Nossas entidades precisam ser *trans-circunstanciais*. Com isso, o *endereço* ao qual a pessoa se refere quando diz “agora” escolhe, em uma circunstância $\langle w, t \rangle$, o instante de tempo t no qual ele existe, assim o referente permanece o mesmo, sua estrutura *trans-circunstancial* é que muda de acordo com o

valor do instante de tempo t . O quantificador “se”, portanto, atuará não apenas em mundos possíveis, mas também em circunstâncias de tempo possíveis. Assim, (5) será verdadeira sse, em qualquer circunstância $\langle w, t \rangle$, o relógio soou apenas uma vez entre $\langle w, \text{noite} \rangle$, $\langle w, t \rangle$ em que $t = 1\text{h}$ da manhã. Isto é, a frase será verdadeira apenas se na circunstância em que se falou “agora” o relógio soou uma quantidade de vezes igual a 1 e, portanto, o valor atribuído para t é 1; o mesmo acontece em (6). Novamente, a entidade tomada para a avaliação do valor de verdade é a mesma. Igualmente ao caso anterior, as frases não são contraditórias.

(Santorio 2010) O caso de Lingens e Lauben, citado na seção **2.2.1**. Duas frases são proferidas:

9. Se a moeda caiu em *coroa*, então *eu* estou em *Main Library*, Stanford.

10. Se a moeda caiu em *cara*, então *eu* estou em *Widener Library*, Harvard.

O endereço de “eu” é o mesmo nas duas frases, não se sabe quem ocupa, mas predica-se sobre ele. Em algumas circunstâncias $\langle w, t \rangle$, quem ocupa é Lingens, em outras, Lauben. A referência direta é mantida e, com ela, o valor de verdade de ambas as frases. As duas podem ser verdadeiras, não são contraditórias.

(Santorio 2010), uma pessoa vê uma outra com o cabelo em chamas e diz:

11. Eu acredito que o seu cabelo está queimando.

Ao mesmo tempo, a pessoa que avisa, também diz:

12. Eu acredito que o meu cabelo não está queimando.

A complicação dessa situação se dá quando a pessoa que avisa a outra está, na verdade, olhando um espelho e não sabe disso. “Eu” (substituído na frase pelo pronome “meu”) e “você” (substituído na frase pelo pronome “seu”) possuem a mesma referência, são direcionados ao mesmo *endereço* e, por conta disso, as duas frases não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo. De forma mais clara, não existe, neste caso, um *endereço* comum a “eu” e “você” que possa ser ocupado por objetos diferentes, já que em todas as circunstâncias o mesmo objeto (ou o que quer que exista no mundo) ocupa o endereço.

Os indexicais referem-se a itens igualmente indexicais. Isso contrasta com a noção tradicional de que proposições são *de re*. Na verdade, proposições *de re* não conseguem dar conta da indexicalidade, tudo o que fazem é retirar o objeto de seu

endereço e transformá-lo em algo sem contexto, sem circunstância e sem mundo, precisando de um *caráter* para situá-lo. Vimos, porém, que adicionar *caráter* como um elemento exterior à proposição é uma estratégia que tem suas consequências: ignorar que monstros ocorrem na língua natural.

5. Possíveis desdobramentos

Nesta última seção, falaremos de alguns possíveis caminhos a serem traçados a partir do que acabamos de demonstrar. A noção de *endereços* ainda não está completa e é bastante experimental. Pretendemos, ao longo do tempo e com trabalhos futuros, elaborar uma noção mais detalhada e, a partir de *feedbacks* da comunidade, ajustar aquilo que gera problemas formais, metafísicos, ontológicos e semânticos. Nosso propósito, neste trabalho, foi apresentar algumas das ideias principais do progresso que estamos fazendo com nossa pesquisa, que se iniciou no verão de 2020 e tomou forma em um artigo a ser publicado.

5.1. Proposições indexicais

Scott Soames (2014) apresenta o que ele diz ser um dos principais problemas pelos quais os modelos de proposições nas teorias de Frege e Russell passam ao longo da tradição da filosofia analítica. Segundo ele, nenhum desses modelos explicam como uma proposição tem intencionalidade, isto é, não explicam como uma proposição pode ser verdadeira ou falsa. Não há uma intencionalidade implícita em nenhum dos elementos que povoam a proposição. Considere a frase:

13. Desdêmona ama Cássio.

A estrutura dessa proposição é algo como *<Desdêmona, amar, Cássio>*. Nenhum desses elementos carrega *intencionalidade*, ou seja, nenhum é verdadeiro e nem se refere a nada sem que haja alguma interação cognitiva. Nós é que, ao pronunciarmos essa proposição, damos valor de verdade a ela. Esse tipo de estrutura é apenas uma construção sintática, assim como a da frase à qual ela deveria ser o sentido. É necessário, resumindo, um *contato cognitivo*, ou uma redução da semântica à epistemologia.⁶⁸

Essa crítica de Soames atinge diretamente Kaplan, que sustenta uma espécie de fregeanismo com respeito a proposições. Como foi dito, os *indexicais*, para Kaplan,

⁶⁸ WETTSTEIN, H. 1986.

demonstram porque há um *caráter* que os aponta para a referência. A proposição é, portanto, povoada pelo substantivo que se usa comumente para falar sobre aquele objeto. Quando uma pessoa utiliza o indexical “isto” para falar de um gato, o *caráter* fará o papel de identificar no contexto qual substantivo irá substituir o indexical na estrutura da proposição. No caso, o substantivo “gato” é que irá substituir o indexical utilizado. O conteúdo das proposições é *de re*. A proposição de Kaplan continua sendo uma estrutura sintática sem intencionalidade, levando em consideração as críticas de Soames; ainda é preciso que um agente cognitivo faça o trabalho de direcionar o indexical.

Kaplan é um dos que não afirmam severamente a ideia da não-epistemicidade como sendo base da referência. Seu inovador trabalho “*Demonstratives*” defende uma visão sobre a referência de indexicais que reconhece bastante as intuições fregeanas: o referente de um indexical, contrariamente ao fregeanismo ortodoxo, não requer do falante a posse de qualquer descrição individualizante do referente. Mas requer do falante a capacidade de individuar algo no contexto de enunciação. Esta não é a forma como Kaplan apresenta sua visão, mas isto está implícito em sua abordagem “caráter-conteúdo” dos indexicais.⁶⁹

John Perry (1979) introduz a noção de *locating beliefs* em sua tentativa de fazer com que a indexicalidade não seja abandonada ou removida das proposições. Seu exemplo do *messy shopper* – ou comprador atrapalhado [tradução nossa] – ficou famoso e nos é muito caro para nos guiar em direção às proposições indexicais. Perry se coloca em uma situação em que há uma trilha de açúcar no chão do mercado e ele decide procurar a pessoa que está fazendo a bagunça. Depois de um tempo procurando, percebe que é ele próprio quem está derramando o açúcar pois o saco em seu carrinho está furado. Sua descoberta tem um peso muito grande para a mudança de atitude que se segue, a saber, trocar o saco de açúcar, ou vira-lo para parar de derramar. Antes de descobrir quem era o *messy shopper*, Perry acreditava em “Alguém está fazendo uma bagunça”, depois disso, sua crença mudou para “Eu

⁶⁹ “Kaplan is one who does not roundly affirm the idea of nonepistemically grounded reference. His groundbreaking work, “*Demonstratives*,” defends a view of indexical reference that concedes quite a bit to Fregean intuitions: indexical reference, contrary to orthodox Fregeanism, does not require that the speaker possess an individuating description of the referent. But it does require that the speaker possess a characterization that is individuating in the context of utterance. This is not the way Kaplan presents his own view, but it is implicit in his “character-content” approach to indexicals”. *Idem*, p. 81. (Tradução nossa)

estou fazendo uma bagunça”; e, por causa dessa crença, apenas no momento em que o indexical foi adicionado, houve uma mudança de comportamento. O que provocou essa mudança foi o que Perry chama de *location believe*, que é uma crença que se encontra (localizada) entre o objeto da crença e a crença. Essa relação é situada: ele é o objeto da crença e a pessoa que possui a crença, John Perry está localizado entre a crença de que alguém está fazendo uma bagunça e a de que este alguém é ele próprio. Nesse sentido, uma atribuição *de re* para o indexical da segunda frase não seria suficiente para explicar como a referência foi fixada, porque proposições *de re* são insensíveis ao contexto, diz Perry; quando ele diz que John Perry está fazendo uma bagunça, ele não pensa no sujeito unicamente como sendo a pessoa com o saco de açúcar no mercado, ele pensa em John Perry como sendo *ele mesmo*. A referência das duas frases é o mesmo endereço; é qualquer coisa naquele contexto, situação – ou *redondezas*, para utilizar o vocabulário do nosso trabalho – que esteja sendo apontada e predicada como “está fazendo uma bagunça”.

Proposições *de re* não mantêm o indexical, Proposições individuadas em parte por objetos mantêm-se insensíveis ao que há de essencial nas *locating beliefs* como aquelas individuadas por conceitos. Dizer que eu acredito que John Perry está fazendo uma bagunça não mantém a principal mudança, a saber, que eu comecei a pensar na pessoa que está fazendo uma bagunça no mercado não como a pessoa com um saco rasgado, ou como o homem no espelho, mas como eu mesmo.⁷⁰

Proposições podem ser, portanto, intencionais se as tratarmos como – ao contrário da formulação tradicional, mas utilizando o lema de Wettstein “contato linguístico sem contato cognitivo” – relações de *endereços*. O *endereço* de “Estrela da Tarde” é o mesmo de “Estrela da Manhã”, em uma relação de identidade entre os endereços, por exemplo. “O gato está no tapete” é uma relação espacial de dois endereços. Estar em cima, ao lado, dentro, fora, embaixo, atrás, são todas relações indexicais. Se proposições puderem ser tratadas como relações de endereços, terão

⁷⁰ De re propositions remain non-indexical. Propositions individuated in part by objects remain as insensitive to what is essential in locating beliefs as those individuated wholly by concepts. Saying that I believed of John Perry that he was making a mess leaves out the crucial change, that I came to think of the messy shopper not merely as the shopper with the torn sack, or the man in the mirror, but as me”. PERRY, J. 1979, p. 12. (Tradução nossa)

uma estrutura indexical, o que daria a elas intencionalidade sem necessidade de um elemento fora de sua estrutura, já que *endereços* são os *demonstrata*, e são ferramentas que não precisam de contato cognitivo. Sua estrutura direciona-o entre mundos e circunstâncias e são eles que povoam as proposições.

Todos se recordam do dito de Wittgenstein: “se um leão pudesse falar, não seríamos capazes de entendê-lo”. Esta é uma declaração relativista. Já para os índios, eu diria, os leões – no caso, os jaguares – não apenas podem falar, como somos perfeitamente capazes de entender o que eles *dizem*; o que eles *querem dizer com isso*, entretanto, é outra história. Mesmas representações, outros objetos: sentido único referências múltiplas. O problema dos índios não é um problema fregeano.⁷¹

Os endereços são criados "*on the fly*", como defendemos no nosso trabalho. Isso quer dizer que são estruturas semânticas criadas no momento das conversas para o ato da referência. Um jaguar é completamente capaz de falar. Diria Wittgenstein que isso é verdade. No entanto, o filósofo austríaco nos diz que não somos capazes de entender o jaguar. Eduardo Viveiros de Castro confronta Wittgenstein dizendo que o jaguar pode falar e nós podemos sim entender, o que não conseguimos acessar é o conteúdo de sua proposição. Ora, é perfeitamente possível que a gente consiga entender que um jaguar está com fome, por exemplo. Saber o que ele quer comer, já é outra questão. O encontro com a proposição do jaguar é pragmático, diria Mauro Almeida (2021). Dizemos que esse encontro cria um endereço e que nós somos capazes de ter contato linguístico com ele, mesmo que não sejamos capazes de ter contato cognitivo com seu conteúdo. Não sabemos se o jaguar quer comer gente ou um veado. Não sabemos, sequer, se o que é gente para o jaguar é o mesmo que o que é gente para nós. As proposições no perspectivismo ameríndio não são fregeanas e tampouco kaplanianas (*de re*). Podem ser, antes, indexicais.

5.2. Perspectivismo e multinaturalismo

Segundo Viveiros (2018), é certo que todos os seres vivos possuem uma acessibilidade epistemológica distinta do mundo. Nesse sentido, pode-se dizer que existe uma *coacessibilidade* epistemológica entre todos os vivos.⁷² Isso configura

⁷¹ VIVEIROS DE CASTRO, E. 2020, P. 335.

⁷² VIVEIROS DE CASTRO, E. 2018.

um tipo de perspectivismo, isto é, todo vivente possui um acesso complexo ao mundo, entendendo as coisas a partir de sua estrutura epistemológica – que é a sua perspectiva.

Todas as espécies vivem em um mesmo espaço e se apresentam umas às outras. O perspectivismo ameríndio está diretamente ligado ao multinaturalismo: existe uma superposição na definição do que cada ser é.

O motivo do perspectivismo é quase sempre associado à ideia de que a forma manifesta de cada espécie é um envelope (uma “roupa”) a esconder uma forma interna humana, normalmente visível apenas aos olhos da própria espécie ou de certos comutadores perspectivos *transespecíficos*, como os xamãs.⁷³

Em uma era pré cosmológica, explicada pelo mito, há uma superposição de predicados contraditórios para uma mesma coisa; não se sabe se o jaguar é um bloco de afetos humanos em forma de jaguar, ou se é um bloco de afetos humanos em forma de felino. É importante entender que não existe uma cronologia como antes ou depois do mito, já que o mito é um discurso que dá forma (atualiza) um plano de conceitos; cada personagem do mito é uma atualização de um personagem-conceito. “Mito não é história porque metamorfose não é processo, “ainda não era” processo e “jamais será” processo; a metamorfose é anterior e exterior ao processo de processo – ela é uma figura (uma figuração) do devir.”⁷⁴ O jaguar é humano e jaguar alternadamente, como a luz é onda e partícula; as diferenças são infinitas e externas.

No momento da especiação, todos os espíritos (os agentes cosmológicos) se bifurcam: alma e corpo (ou roupagem). O que chama atenção aqui é a relatividade e reversibilidade de cada um dos estados; como dito na citação acima, toda espécie tem uma forma interna, que é invisível a todas as espécies diferentes e visível apenas aos indivíduos da mesma espécie, e uma forma externa, que é aquilo que é visível às outras espécies. Assim, o indivíduo é definido pela capacidade dele de ser outra coisa, de ser algo diferente de si mesmo, relativo à espécie que o está olhando. Não há, portanto, redutibilidade a qualquer tipo de essencialismo. O falante define, a partir da forma como sua espécie está definida, a descrição definida que irá utilizar para falar sobre “*aquilo*”. Perceba que não há uma coisa última, como um substantivo, que povoa a proposição expressa pelo indivíduo da espécie que olha o indivíduo da outra espécie. Para ele, no caso de um humano estar frente a frente com um jaguar, *aquilo*

⁷³ *Idem*, p. 57.

⁷⁴ *Idem*, p. 56.

é um jaguar, mas na verdade *aquilo* é uma infinidade de outras coisas também; mas somente xamãs conseguem ver a parte invisível dos seres.

O perspectivismo multinaturalista, em nossa visão, propõe uma cisão com a metafísica das substâncias e dos substantivos – substancialista e substantivista⁷⁵ –, quando diz que cada uma das coisas que existem no mundo são, ao mesmo tempo, aquilo que não são – um belíssimo paradoxo! Todavia, as roupas dos viventes não os permitem ver os outros da forma como os outros veem a si próprios, e não os permitem ver a si próprios da forma como os outros os veem.

Os queixadas não podem *se ver* como queixadas – e, quem sabe, especular que os humanos e demais seres são queixadas debaixo de suas roupas específicas – porque esta é a forma como eles são vistos pelos humanos [...] O que o perspectivismo afirma, enfim, não é tanto a ideia de que os animais são “no fundo” semelhantes aos humanos, mas sim a de que eles, como os humanos, são outra coisa “no fundo”: eles têm, em outras palavras, um “fundo”, um “outro lado”; são diferentes de *si mesmos*.⁷⁶

Uma metafísica de *endereços*, da forma como foi elaborada no trabalho, permite-nos fornecer à filosofia ocidental uma ferramenta para analisar a realidade e a linguagem – por consequência, a ontologia – de forma perspectivista e multinaturalista – existem várias perspectivas e, conseqüentemente, a realidade é múltipla –, uma vez que dentro dos endereços pode residir qualquer coisa. Dentro do *endereço* apontado pela estrutura demonstrativa dos substantivos e descrições definidas, podem habitar as diferenças que existem dentro de todas as coisas. Os *endereços* podem ser, além de *transmundanos* e *transcircunstanciais*, *transespécie*. É uma abertura, talvez, para uma filosofia não totalizante e que não coloque o ponto de vista dos seres humanos como o único possível.

Pode-se considerar que o problema que serve como ponto de partida para o *multinaturalismo perspectivista* de Viveiros – e, talvez, para uma filosofia vindoura – é o atrito entre os conceitos de todos os viventes do mundo, atrito este que o ser humano torna mais agudo e perigoso quando considera seus conceitos como sendo a única coisa que compõe o mundo. “[O] mundo em geral consiste nas diferentes espécies, é o espaço abstrato de divergência entre elas enquanto ponto de vista”.⁷⁷ Termos que são importantes para falar de ponto de vista são, entre outros do mesmo tipo: Eu, Ele,

⁷⁵ BENSUSAN, H. 2021.

⁷⁶ VIVEIROS DE CASTRO, E. 2018, p. 61.

⁷⁷ *Idem*, p. 93.

Fora, Dentro e Outro – são termos indexicais. Se a estrutura do mundo é tal que o que existe é o atrito entre pontos de vista, então essa estrutura é indexical, porque os pontos de vista são indexicais.

Referências

- ALMEIDA, M. **Caipora e outros conflitos ontológicos**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- ANAND, P., NEVINS, A. Shifty operators in changing contexts, **Semantics and linguistic theories**. 14, p. 20 – 37, 2004.
- BENSUSAN, H **Indexicalism**: realism and the metaphysics of paradox. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2021.
- BENSUSAN, H. GIMENO, J. DA SILVA, G., no prelo.
- BRICIU, A. Indexicals in remote utterances, **Philosophia**. 46, p. 1, 39 – 55, 2017.
- KAPLAN, David. Demonstratives: An Essay on the Semantics, Logic, Metaphysics, and Epistemology of Demonstratives and Other Indexicals. **Themes from Kaplan**. Oxford: Oxford University Press, p. 481–563, 1989
- KRIPKE, Saul. **Naming and Necessity**. Oxford: Blackwell, 1980.
- KRIPKE, Saul. Speaker's reference and semantic reference, **Studies in the Philosophy of Language**. 2, n. 1, p. 255 – 276, 1977.
- PERRY, J. The problem of essential indexical, **Blackwell Publishing**. 13, n. 1. p. 3 – 21, 1979.
- RABERN, B. Monsters in Kaplan's Logic of Demonstratives, **Philosophical Studies**. 164, n. 2, p. 393–404, 2013.
- RABERN, B. Semantics monsters, **Routledge Handbook of Linguistic Reference**. p. 515 – 532, 2021.
- REIMER, Marga. Demonstratives, demonstrations, and demonstrata, **Philosophical Studies: An International Journal for Philosophy in the Analytic Tradition**. 63, n. 2, p. 187 – 202, 1991.

SANTORIO, P. Modals are monsters: on indexical shift in english. **Semantics and linguistic theories**. 20, n. 20, p. 289 – 308, 2010.

SCHLENKER, P. A plea for monsters, **Linguistics and Philosophy**. 26, n. 1, p. 29 – 120, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

WETTSTEIN, H. Has semantic rested on a mistake?, **The Journal of Philosophy**. 83, n. 4, p. 185 – 209, 1986.

WETTSTEIN, H. **The Magic Prism**: na essay in the philosophy of language. Oxford: University Press, 2004.